



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v6n1p47-58

O JORNAL DE PESQUISA E O DIÁRIO DE CAMPO COMO DISPOSITIVOS DA PESQUISA-FORMAÇÃO **THE JOURNAL OF RESEARCH AND THE FIELD DIARIES AS DEVICES OF RESEARCH-TRAINING** **EL JORNAL DE INVESTIGACIÓN Y EL DIARIO DE CAMPO COMO DISPOSITIVOS DE LA INVESTIGACIÓN-FORMACIÓN**

Maristela Midlej Silva de Araujo Veloso¹

Maria Helena Silveira Bonilla²

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado intitulada O professor e a autoria no contexto da cibercultura: redes da criação no cotidiano da escola. O estudo foi conduzido pela pesquisa-formação, com a abordagem da complexidade e os pressupostos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, em diálogo com os estudos da cibercultura e formação de professores e uso de tecnologia. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Padre Carlo Salerio, situada no município de Itabuna-Ba, uma das 10 escolas baianas a receber os laptops do Projeto Um Computador por Aluno (PROUCA). Três praticantes professoras (PP) de turmas do Fundamental II nos acompanharam nessa investigação. Analisamos as práticas pedagógicas em

diferentes espaçostempos da escola, as narrativas das praticantes e os documentos de processo. Para tal, utilizamos diferentes dispositivos de pesquisa. Buscamos compreender o movimento de criação das professoras no cotidiano da escola, além dos atos do currículo materializados nas suas práticas pedagógicas. Apesar de ter contado com vários dispositivos de pesquisa como os encontros de formação, as nossas conversas, os documentos de processo, decidimos neste artigo priorizar os diários de pesquisa, pois constatamos que estes oferecem pistas sobre as maneiras como se desenvolve o processo da pesquisa-formação, além de elencar alguns elementos que contribuem para a formação do professor-pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa-formação. Jornal de pesquisa. Diário de campo

ABSTRACT

The present work is part of a doctoral research entitled The teacher and the author in the context of cyberculture: creation networks in the daily life of the school. The study was conducted by the research-training, with the complexity approach and the research presuppositions in the / the / with the daily, in dialogue with the studies of cyberculture and teacher training and use of technology. The research was developed at the Padre Carlo Salerio School, located in the municipality of Itabuna-Ba, one of the 10 schools in Bahia to receive the One Computer Per Student (PROUCA) laptops. Three practicing teachers (PP) from groups of Fundamental II accompanied us in this investigation. We analyze the pedagogical practices in different spaces of the school, the narratives of the practitioners and the documents of process. To do this, we use different search devices. We seek to understand

the teachers' creation movement in the daily life of the school, in addition to the curricular acts materialized in their pedagogical practices. Although we have had several research devices such as the training meetings, our conversations, the process documents, we decided in this article to prioritize the research journals, since we find that they offer clues about the ways in which the research process- Formation, in addition to listing some elements that contribute to the formation of the teacher-researcher.

KEYWORDS

Research-training. Research journal. Field diary.

RESUMEN

El presente trabajo forma parte de una investigación de doctorado titulada "El profesor y la autoría en el contexto de la cibercultura: redes de la creación en el cotidiano de la escuela". El estudio fue conducido por la investigación-formación, con el abordaje de la complejidad y los presupuestos de la investigación en/de/con los cotidianos, en diálogo con los estudios de la cibercultura y formación de profesores y uso de tecnología. La investigación fue desarrollada en la escuela Padre Carlo Salerio, ubicada en el municipio de Itabuna-BA, una de las 10 escuelas baianas que reciben los ordenadores portátiles del Projeto Um Computador por Aluno (PROUCA). Tres practicantes profesoras (PP), de clases del ciclo II de la educación básica, nos acompañaron en esa investigación.

Se analizan las prácticas pedagógicas en diferentes espacios de la escuela, las narrativas de las practicantes y los documentos de proceso. Para ello, utilizamos diferentes dispositivos de búsqueda. Buscamos comprender el movimiento de creación de las profesoras en el cotidiano de la escuela, además de los actos del currículo materializados en sus prácticas pedagógicas. A pesar de haber contado con varios dispositivos de investigación como los encuentros de formación, nuestras conversaciones, los documentos de proceso, decidimos en este artículo priorizar los diarios de investigación, pues constatamos que estos ofrecen pistas sobre las maneras como se desarrolla el proceso de la investigación-formación, además de contribuir para la formación del profesor-investigador.

PALABRAS CLAVE

Investigación-formación. Diario de investigación. Diario de campo.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado intitulada *O professor e a autoria no contexto da cibercultura: redes da criação no cotidiano da escola*. O estudo foi conduzido pela pesquisa-formação, com a abordagem da complexidade e os pressupostos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, em diálogo com os estudos da cibercultura e formação de professores e uso de tecnologia. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Padre Carlo Salerio, situada no município de Itabuna-Ba, uma das 10 escolas baianas a receber os *laptops* do Projeto Um Computador por Aluno (UCA). Três praticantes professoras (PP) de turmas do Fundamental II nos acompanharam nessa investigação. A professora Cris leciona Língua Inglesa e Artes além de coordenar as atividades da Rádio-pátio. Nalva leciona a Disciplina de Língua Portuguesa. Flor leciona as disciplinas História, Geografia e Artes.

Analisamos as práticas pedagógicas em diferentes *espaçostempos*¹ da escola, as narrativas das praticantes e os documentos de processo. Para tal, utilizamos diferentes dispositivos de pesquisa. Neste texto, discutimos as contribuições da escrita de diários para a pesquisa-formação.

Inicialmente, traremos os aportes teóricos sobre a pesquisa-formação e os diários de campo e o Jornal de pesquisa, dois dos dispositivos da pesquisa, assim como sobre as potencialidades da escrita de ambos. Faremos, ainda, uma breve descrição dos usos de cada um deles. Por fim, apresentaremos os resultados

que nos possibilitaram compreender as características do processo de elaboração do diário, assim como as contribuições e as implicações para a formação do pesquisador-formador.

2 A PESQUISA-FORMAÇÃO COMO OPÇÃO METODOLÓGICA

Para compreender a autoria do professor no cotidiano da escola e a autoria da *formadorapesquisadora*, fez-se a opção de uma concepção e prática de pesquisa baseada na implicação do pesquisador com o campo da pesquisa, onde fosse possível construir junto com as praticantes, sujeitos da pesquisa, o conhecimento e a própria proposta metodológica. Assim, optamos pela pesquisa-formação, inspirada nos estudos de Macedo (2000; 2006; 2010); Nóvoa (2002; 2004); Santos (2005; 2006); Josso (2010). A pesquisa-formação, com base etnográfica, está em consonância com a proposição de Macedo (2010, p. 21):

[...] como o conjunto de condições e mediações para que certas aprendizagens socialmente legitimadas se realizem, como é comum entre nós, entretanto, a centralidade do nosso esforço aqui se efetiva, com o objetivo de compreendê-la como um fenômeno que se configura numa experiência profunda e ampliada do Ser humano, que aprende interativamente, de forma significativa, imerso numa cultura, numa sociedade, através das suas diversas e intencionadas mediações.

É nesse sentido que pensamos a pesquisa-formação, também conforme Josso (2010, p. 101) a situa:

1. Estética de escrita que aprendemos com Nilda Alves (2008, p. 11). Para ela, “a junção dos termos e sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”.

[...] na corrente de uma metodologia de compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva, que inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista da disciplina de pertença dos pesquisadores, seja do ponto de vista dos campos de operação, seja, enfim do ponto de vista dos objetivos de transformação.

Segundo Macedo (2006), tal abordagem tem características da pesquisa-ação, mas, ao ser voltada para a educação, tem suas especificidades metodológicas as quais implicam uma proposição, uma ação formativa. Para Barbier (2007, p. 14), “[...] a pesquisa-ação obriga o pesquisador a implicar-se. Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros”. Portanto, “[...] implicar-me consiste sempre em reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na situação interativa” (BARBIER, 2007, p. 101).

Dessa forma, na pesquisa-ação, os sujeitos são autores da pesquisa, pois como afirma Barbier (2007, p. 14), “[...] não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros”. É nesse contexto que emerge o conceito de pesquisador-coletivo, proposto pelo referido autor, que é “um grupo sujeito de pesquisa” (BARBIER, 2007, p. 103). Em nosso caso, o grupo foi constituído pelas praticantes professoras do cotidiano da escola envolvidas na investigação participativa, pelos formadores do PROUCA e pela pesquisadora-formadora. Portanto, a autoria é compartilhada por todos.

Como afirma Thiollent (2005, p. 24), a pesquisa-ação “[...] não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas”. Assim, diante do grupo e de cada membro que o constitui, o pesquisador:

[...] não pode limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante ao sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda situação, que passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos. De uma orientação monológica para uma relação dialógica. Isso muda

tudo em relação a pesquisa, uma vez que o investigador e investigado são sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma explicação, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também compreendido, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico. (FREITAS, 2002, p. 24-25).

Dessa forma, no papel de pesquisadoras ativas e implicadas com o processo formativo e de aprendizagens, fomos junto com os professores formando-os e nos formando. Santos (2005), ao se referir à pesquisa-formação, afirma que a pesquisa não é um espaço para olhar o fenômeno de fora. Com esse pensamento, buscou-se deixar claro para as *praticantes professoras* da escola, desde o começo do processo, que não havia a intenção de transferir conhecimentos, conteúdos, nem a formação era pensada na perspectiva do formar como uma “[...] ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. [Visto que] não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro” (FREIRE, 2011, p. 24).

O autor ainda destaca que, na prática, “[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Portanto, como ele expressa, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Essa era uma fala constante em nossos encontros.

Por outro lado, tinha a consciência de que “[...] ninguém forma ninguém e que pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece” (NÓVOA, 2004, p. 23). Nóvoa nos recorda a necessidade de prudência e os cuidados com a concepção e organização dos dispositivos de formação. A nossa intenção, no papel de mediadoras, foi, junto com os professores, criar/experimentar atos de currículo no cotidiano da escola, a partir dos usos dos *laptops* e demais tecnologias presentes na escola e fora dela, *online* e *offline*. Assim, caminhando nessa direção, as atividades formativas realizadas nos ambientes de aprendizagem – presencial (na escola e no NTE) e on-line (nos ambientes vir-

tuais) – partiram de uma proposta inicial e depois foram modificadas no processo das ações de formação, a partir das demandas e desejos dos participantes.

Na pesquisa-formação, ressalta Macedo (2000), há uma importância do diálogo que se configura em uma relação de interatividade e proximidade entre pesquisador e pesquisado, também com o meio no qual a produção e a significação dos enunciados são fontes inesgotáveis de informações ao pesquisador em sua busca pela compreensão do fenômeno estudado.

Como nos mostra o referido autor, os recursos metodológicos qualitativos da pesquisa-formação apontam para uma forma diferente de se fazer ciência, uma ciência que aceita, sem escamotear, o desafio de saber sobre aquele que pensa e tem métodos – para ser mais pertinente com as bases epistemológicas da etnopesquisa: aquele que elabora e mobiliza etnométodos (MACEDO, 2000), como demonstram as etnometodologias. Para Coulon (1995a, p. 30),

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas [...]

Para essa abordagem de pesquisa, os atores sociais “[...] não são ‘idiotas culturais’, produzem etnométodos, ou seja, modos, jeitos de compreender e resolver interativamente as questões da vida, para todos os fins práticos” (MACÊDO, 2009, p. 82). Os etnométodos, no entendimento de Coulon (1995b, p. 113), são “[...] os procedimentos que os membros de uma forma social utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para torná-lo familiar, ao mesmo tempo em que o vão construindo”. Explicando o que é um membro, esse autor assim refere:

Uma pessoa dotada de conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social

que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar. (COULON, 1995a, p. 48).

Diante do exposto, vê-se, na pesquisa-formação, uma base fértil para a compreensão da autoria dos professores no cotidiano da escola e da *formadora pesquisadora*, a partir do momento em que se considera que é no cotidiano que se cria atos de currículo (MACEDO, 2011; 2013); etnométodos (MACEDO, 2006); as suas próprias táticas, maneiras de fazer, aproveitando as ocasiões (CERTEAU, 2009). Como *formadorapesquisadora*, tornando-nos também “membros” da comunidade escolar, fomos juntos com os professores e professoras e demais formadores do PROUCA, tecendo redes na construção da pesquisa.

Corroboramos o entendimento de Santos (2006) em relação à pesquisa-formação, visto que, para a autora, tal dispositivo de formação docente não dicotomiza a ação de conhecer da ação de atuar, própria das pesquisas ditas “aplicadas”. Portanto, “[...] o pesquisador é coletivo, não se limita a aplicar saberes existentes, [as metodologias] de aprendizagem e os saberes emergem da troca e da partilha de sentidos de todos os envolvidos” (SANTOS, 2006, p. 127).

Buscamos compreender o movimento de criação das professoras no cotidiano da escola, além dos atos do currículo materializados nas suas práticas pedagógicas. Apesar de ter contado com vários dispositivos de pesquisa como os encontros de formação, as nossas conversas, os documentos de processo, decidimos neste artigo priorizar os diários de pesquisa, pois consideramos que estes podem dar pistas sobre as maneiras como se desenvolve o processo da pesquisa-formação, além de elencar alguns elementos que contribuem para a formação do professorpesquisador.

3 OS DIÁRIOS COMO DISPOSITIVOS DA PESQUISA

Com base em Macedo (2006), é possível dizer que os diários da pesquisa se configuram como instrumentos de formação e reflexão do pesquisador “[...]”

sobre as experiências vividas no campo da pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual. [...]”, pois os diários visam “[...] apreender, de forma profunda e pertinente, o contexto do trabalho de investigação científica” (MACEDO, 2006, p. 133).

Conforme nos mostra Macedo (2006, p. 133), esse tipo de instrumento possui denominações diversas, todas servindo para conceituar “a descrição minuciosa e

densa de existencialidade, que alguns pesquisadores despojados das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo”. O diário é um documento de reflexões, em que o autor dialoga consigo, analisando atividades realizadas, revendo encaminhamentos, documentando seu percurso. Nessa pesquisa, com finalidades diferentes, foram utilizados dois tipos de diários, o Jornal de Pesquisa e o Diário de Campo.

3.1 O JORNAL DE PESQUISA (JP)

Figura 1 – Recorte da página inicial do Jornal da Pesquisa



Fonte: Jornal de Pesquisa

O Jornal de Pesquisa do trabalho foi construído na interface digital blog. Por meio dele, consideramos que os praticantes culturais em contexto podem “compartilhar outros sentidos e interagir com outros

pesquisadores, pois a interface permite a interatividade assíncrona” (SANTOS; WEBER, 2014, p. 23), conforme nos aponta uma *professoraformadora* do PROUCA, colaboradora da nossa pesquisa:

Figura 2 – Fala retirada do espaço Comentário do Jornal de Pesquisa

Liz em 31/10/2012



Mari, sabe o que eu mais gosto nesta proposta de pesquisa? É que ela discute autoria com uma prática completamente autoral, a ideia do diário de pesquisa cabe (...)

Meu e-mail

(...) num contexto em que é possível criar, produzir em colaboração, participando o outro e permitindo q o mesmo contribua, eja co-participe da sua pesquisa.

Meu e-mail

Fonte: Jornal de Pesquisa

O Jornal de Pesquisa, segundo Borba, citado por Barbosa (2010), é originado do diarismo, no entanto engloba-o. Exprime “objetivos”, os quais não estão incluídos na “intenção” diarista. Tanto no diarismo quanto no jornal de pesquisa: “Há uma tensão entre

o texto e o fora do texto”, e isso é o que é polêmico neles: com relação ao instituído, eles são instituintes, têm as mesmas raízes; no entanto, enquanto categoria, são diferentes” (BARBOSA, 2010, p. 28).

Quadro 1 – Quadro sinótico das diferenças entre o Diário e o Jornal de Pesquisa

O DIÁRIO	O JORNAL DE PESQUISA
<p>Papéis íntimos dos escritores grandes e pequenos: não objetivam, <i>a priori</i>, ser instrumento epistemológico, portanto não é um instrumento de análise das implicações do observador, ou seja, do “pesquisador”: implicações afetivas, profissionais, estruturais. Não se refere a uma pesquisa definida, mas à diversidade do cotidiano de um escritor.</p>	<p>Engloba o diarismo (pois recorre a todos os seus recursos e diversidade), no entanto vai além dos objetivos de um diário. Busca apreender o contexto social e psíquico da pesquisa (refere-se sempre a uma pesquisa). Objetiva permitir ao pesquisador perceber a complexidade como parte integrante do seu ser existencial e profissional.</p>
<p>Objetiva o descrever, o contar, em uma espécie de apreensão global.</p>	<p>É um instrumento teórico e prático de análise, de “compreensão, de objetivação a mais ampla, profunda possível do “olhar” do pesquisador.</p>
<p>Nada além do descrever caótico, sem objetivos além do prazer estético do escrever e da tentativa de compreender-se. É obra aberta...</p>	<p>Auxilia o pesquisador a adquirir um “sentir multirreferencial”. O JP permite que o pesquisador trabalhe a sua subjetividade.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras do trabalho a partir das ideias de Barbosa (2010).

Os argumentos citados no Quadro são utilizados por Barbosa (2010) para justificar a escolha pela expressão Jornal de Pesquisa e não Diário de Pesquisa. No sentido epistemológico, a produção/atualização do JP é a possibilidade do registro de nossos “andaimes” de percurso. Os andaimes, conforme o autor são os cacos, nossas fraquezas, nossas imperfeições, nossos medos, mas, tratando-se de nossa formação, principalmente para nossos próprios sentidos, esses cacos e amontoados também fazem parte e estão sempre presentes no processo da construção da pesquisa-formação, estando relacionados com nossa implicação, conforme entende o autor.

Assim, “nossas implicações são nossas ‘armações internas’ que não aparecem” (BARBOSA, 2010, p. 36). É deixar nossas marcas em nossas produções. Implicação, que está igualmente ligada à autorização, “[...] enquanto capacidade de autorizar-se, de fazer-se a si mesmo,

ao menos, coautor do que será produzido socialmente. Se o ato é sempre, mais ou menos, explicitamente, portador de sentido, o autor é fonte e produtor de sentido” (ARDOINO, 1993 apud BARBOSA, 2010, p. 36).

Para Borba (2010), citado por Barbosa (2010, p. 53-54), o JP consiste em “[...] escrever no dia a dia, como num diário, os pequenos fatos organizados em torno de um vivido, dentro de uma instituição: seu trabalho, sua conjugalidade, sua relação com uma criança, com uma pesquisa, consigo mesmo, etc.” Os autores sinalizam que a frequência da escrita não deve ser de menos que três ou quatro dias da semana e que o ideal é anotar um fato marcante, um encontro, uma reflexão, uma leitura, um conflito, um estudo, ou o que achar de significativo. Dizem ainda que ele é mais de que um diário íntimo, pois nele você se expressa, socializa os ocorridos, permite uma troca que pode criar relações fortes entre os sujeitos em formação.

O JP é “[...] um dispositivo e um processo. Se formar não é instruir... É preciso refletir, é pensar uma experiência vivida” (BORBA, 2001 apud BARBOSA, 2010, p. 54). Tratando-se da formação de professor, são coisas que fazem parte da construção. Os aconte-

cimentos do processo podem ser socializados no JP, e sua organização pode ser feita de acordo aos desejos de cada pesquisador. O nosso JP foi organizado conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 2 – Organização do jornal de pesquisa das autoras

Formação na escola	Relato dos encontros da formação na escola, contexto da pesquisa (postagens na página principal).
Conversando sobre o Jornal de Pesquisa	Apresentação do Jornal de Pesquisa e disponibilização de alguns <i>links</i> para quem tenha interesse em se aprofundar sobre esse dispositivo de pesquisa.
A Formação dos Formadores	Narrativa do processo de formação dos formadores do Projeto UCA na Bahia.
Leituras básicas	Compartilhamento de algumas referências consideradas interessantes, relacionadas à pesquisa, mais especificamente sobre as temáticas: metodologia de pesquisa sobre/ com/nos cotidianos; autor e autoria; cibercultura, formação de professores e tecnologias.
Por onde ando...	Compartilhamento dos espaços visitados e as aprendizagens que têm emergido em cada um deles.
Mural de notícias	Socialização de alguns eventos e cursos.
Outros momentos Formativos	Relatos de alguns momentos da vida, que consideramos como formativos: encontros com outros pesquisadores, encontros com a orientadora, participação em cursos etc.
Dilemas e novos rumos	Compartilhamento de angústias, dilemas e os novos caminhos que a pesquisa vem tomando a partir das andanças e leituras.
Socializando eventos	Socialização de eventos relacionados à educação (<i>link</i> na página principal).
Dicas legais	Compartilhamento de dicas de usos de tecnologias na educação (<i>link</i> na página principal).
Blogs dos Professores da escola	<i>Links</i> para acompanhar as postagens dos professores da escola em seus respectivos blogs. Configurado para aparecer a data da última atualização, permitindo ter a visibilidade da frequência das postagens das mensagens (<i>link</i> na página principal).

Fonte: Elaboração própria (2012).

Consideramos o JP como um dos instrumentos para o exercício da autoria. A plasticidade do digital potencializa a manipulação e edição de imagens, podendo o autor narrar as suas histórias e ilustrá-las, com inúmeras possibilidades de linguagens mixadas e em formato hipertextual. Se compartilhado, por meio do seu potencial interativo, permite a troca e partilha

de sentidos entre formadores e alunos e entre os próprios alunos.

Para Santos (2006, p. 136), com a emergência da educação on-line e do potencial do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), os diários eletrônicos começaram a indicar a possibilidade concreta na mediação de processos reflexivos (na ação e sobre a ação) em

cenários de formação. Essa foi a intenção da criação do JP. No entanto, apesar de ter aberto e convidado os formadores e os professores para a construção conjunta do JP, a participação foi muito tímida. Nas conversas na escola, os professores relatavam que ficavam algumas horas navegando por ele, lendo tudo que era postado, mas não deixavam nenhum comentário.

O JP foi utilizado com base no conceito de itinerância² de Barbier (2002), e nos estudos de Santos (2005). É composto por três fases, a saber: a de rascunho, quando o pesquisador escreve tudo o que tem vontade de anotar durante a ação da pesquisa, sobre qualquer coisa ou qualquer pessoa; a da elaboração, quando, a partir do rascunho prepara a escrita para a socialização com a comunidade em geral, nesta fase insere comentários científicos, filosóficos encontrados em obras; a comentada, quando partilha com a comunidade interessada, deixando o JP aberto para análises e críticas, nesta fase pode-se perceber a ação e reação do leitor que intervém na mensagem do pesquisador-autor do diário, construindo dessa forma o diário coletivo.

Fazer pesquisa pressupõe um entrelaçamento de nós que vão sendo tecidos ao longo do percurso das descobertas, da busca de respostas para as questões propostas. Esses nós são as leituras realizadas, os encontros com os amigos e colegas e com pesquisadores mais experientes, são as conversas em mesa de bar, são os vídeos que vamos assistindo pela rede. Podem ser outros nós, como filmes que assistimos no cinema, anotações que fazemos durante e após as visitas às escolas. Assim, o JP, um instrumento, que é público, vai sendo escrito durante todo o processo de investigação.

Nele podem ser publicizados os nossos caminhos da pesquisa, o que vamos lendo, os eventos de que participamos, os locais por onde passamos. A ideia não é somente expor os caminhos, os rascunhos, os documentos, as leituras, as conversas, mas, princi-

palmente, refletir sobre as vivências que se conectam para criar a rede de relações que criam a pesquisa e que nos constitui como autor/autora do trabalho, além de potencializar a abertura para a cocriação de nossos parceiros nesse processo, no caso os formadores do curso UCA-BA e os professores da escola.

No decorrer do processo da pesquisa, apesar de um planejamento inicial para a sua produção, esse espaço foi se configurando e tomando diferentes rumos. A princípio, a escrita acontecia numa dimensão apenas informativa, mas aos poucos a reflexão foi emergindo. Devido aos dilemas sobre o que poderia ou não ser publicado na rede, por se tratar de uma pesquisa acadêmica, optamos em publicizar o que não comprometesse a nossa privacidade e a dos professores e alunos da escola.

3.2 O DIÁRIO DE CAMPO: ANOTAÇÕES DA ITINERÂNCIA

Como nos sugere Barbier (2007, p. 134), o Diário de Campo, por não ter necessidade de ser publicado, diferente do Jornal de Pesquisa, pode ser constituído de referências múltiplas a acontecimentos, reflexões, comentários científicos ou filosóficos, devaneios e sonhos, desejos, poemas, leituras, palavras ouvidas, reações afetivas. Esse diário, que deve ser escrito diária e cronologicamente, contem acontecimentos e lembranças que podem remontar a muitos meses ou anos, por fenômenos de ecos, de ressonâncias com os fatos do presente.

O nosso Diário de Campo/itinerância foi utilizado como um bloco de apontamentos, no qual anotamos nossos sentimentos, pensamentos, meditações, retenções de teorias, de conversas, construções que dão sentido ao nosso percurso de investigação. Nele, relatamos todo o nosso processo de construção do conhecimento. Acreditamos que a escrita do Diário nos possibilitou compreender nossos atos falhos no trabalho da pesquisa e quais os investimentos que ali foram sendo elaborados. Nessa direção, Macedo afirma que, ao construir o seu diário de campo, o etnopsiquisador reafirma sua autoria, pois na elaboração e na construção do sujeito e do objeto, “passa por um trabalho de

2. Barbier conceitua itinerância como um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo. (BARBIER, 2002, p. 134).

elaboração daquilo que nos constitui tanto em nível imaginário quanto real. Portanto, ao narrar despojada e minuciosamente seu vivido de pesquisador, o sujeito se constitui também”. (MACEDO, 2006, p. 134).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o processo formativo não pode ser separado da pesquisa. Assim, por meio da escrita, seja do diário de campo ou do JP, temos a oportunidade de aprender a expor e lidar com nossas implicações, para que a aprendizagem, de fato, tenha sentido.

O Jornal de Pesquisa é uma possibilidade de construção colaborativa e de compartilhamento na rede, o que permite que outros pesquisadores tenham acesso ao material e aproveite para outras criações. Podemos sinalizar que esse é um espaço que serve não só como meio de pesquisa para o pesquisador, mas também para outros pesquisadores interessados em temáticas afins. Já o Diário de Campo, como mostra Macedo (2006), em alguns espaços de formação, toma feições que vão além da pesquisa, transformando-se num dispositivo significativo de autoformação.

Ambos os diários possibilitaram registrar, descrever e compreender as redes de *fazer* e *saber* que aconteceram no cotidiano da escola pesquisada em torno do objeto da pesquisa que estava em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos:** sobre redes de saberes. Petrópolis: DP, 2008. p.15-38.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano, 2007.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa:** o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: LiberLivro, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. 16.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

COULON, Alain. **Etnometodologia.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1995a.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995b.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação e Sociedade**, Campinas-SP, v. 28, n.98, p.73-95, jan-abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da Pesquisa Qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.21-39, jul. 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si.** Tradução Albino Pozzer. Revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Liber Livro, 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei, GALLEFI, Dante;

PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro:** Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009. p.75-126.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação:** o fundante da educação. Brasília: LiberLivro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em ato?** Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e autonomia pedagógica:** o socioconstrutivismo curricular em perspectiva. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004. p.11-17.

SANTOS, Edméa. **Educação online. Cibercultura e Pesquisa-formação na prática docente.** 2005. Tese (Doutorado) – Faced/Ufba, Salvador-BA, 2005.

SANTOS, Edméa. Educação online como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn. **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Diários online, Cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, Edméa (Org.). **Diários online:** dispositivo multirreferencial de pesquisa formação na Cibercultura. Coleção estudos Pedagógicos. Santo Tirso, Portugal, 2014. p.13-31.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 14.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Recebido em: 12 de Junho de 2017
Avaliado em: 3 de Agosto de 2017
Aceito em: 3 de Agosto de 2017

1. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2014. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2007. Professora adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: marimidlej@ufsb.edu.br

2. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora associada da faculdade de educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA. Líder do grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias. E-mail: bonilla@ufba.br